

## Henfil: uma educação por linhas tortas

Márcio Malta<sup>1</sup>

*“Procuro dar o meu recado através do humor.  
Humor pelo humor é sofisticação, é frescura.  
E nesta eu não estou: meu negócio é pé na cara.  
E levo o humorismo a sério.”*  
Henfil

Henfil está, sem dúvida, entre os principais nomes do desenho de humor brasileiro. Desprendido do formalismo acadêmico, o seu traço foi definido pelo colega Jaguar como caligráfico, ou seja, desenhava assim como escrevia. E como cada pessoa possui na letra, um elemento de particularidade, o traço de Henfil descreve uma personalidade singular.

A produção de qualquer artista é determinada pela sociedade na qual vive, sendo o espaço onde o processo de criação artística se concretiza. Em uma breve vida (1944-1988) Henfil soube compreender e captar a essência de sua época. O percurso artístico esteve intimamente ligado a um elemento político, a ditadura militar brasileira (1964-1985).

A seguir apresentamos a tortuosa educação do mineiro Henrique de Souza Filho para, em seguida, analisar o comprometimento de sua obra e o legado político para a sociedade brasileira.

### Educação por linhas tortas

De família pobre, as origens nordestinas influenciaram posteriormente a criação de seus personagens. Criado em uma família que priorizava a educação, nesse quesito Henfil decepcionou e se revelou um extremo cabulador de aulas. “Matava” boa parte do ano letivo,

---

<sup>1</sup> Márcio José Melo Malta é doutorando em Ciência Política na Universidade Federal Fluminense e (PPGCP) e editor da revista *Achegas.net*, de Ciência Política. Além disso é chargista, assinando os trabalhos com o pseudônimo de Nico. E-mail: malta.marcio@gmail.com.

comparecendo somente nos dias de prova, pela simples diversão de responder questões sobre assuntos completamente desconhecidos por ele.

Henrique, que nunca foi um aluno aplicado no colégio religioso Arnaldo da Ordem do Verbo Divino, desenhava em seu caderno para combater o tédio que as aulas lhe proporcionavam.

O convívio com os frades dominicanos possibilitou a Henfil compreender a importância da religião como práxis social, onde a ação é mais importante do que a pura contemplação. Esse aprendizado fez com que Henfil cogitasse em formar uma escola de desenho no convento dos dominicanos: “eu sempre pensei em ensinar, em ter contato direto com os alunos.” (*A última entrevista antes de Henfil ir embora*. O Grilo. n.: 48. São Paulo, Espaço Tempo, 1973, p. 39)

Henfil gostava de ressaltar que aprendeu a desenhar nos jornais, nas redações. Pois, como vimos, na infância não se dedicou aos livros. Para concluir os estudos optou pelo curso supletivo, o famoso madureza, onde travou contato com uma dura realidade - a de estudantes que trabalhavam durante o dia e estudavam no período noturno.

Ainda no turbulento ano de 1964, Henrique iniciou o seu curso de Sociologia na Faculdade de Ciências Econômicas. Em princípio, resistiu bastante à idéia de ser desenhista profissional, dividido que estava entre a sociologia e o humorismo. Diante do dilema entre permanecer cursando a graduação em sociologia ou viver do humor, optou pelo segundo.

O dilema não foi de fácil resolução. Durou na cabeça de Henfil até o momento em que o professor Antônio Otávio Cintra lhe aconselhou a seguir com o cartum e abandonar a sociologia. Faltando um mês para acabar o primeiro semestre, Henfil trancou a matrícula e passou a se dedicar integralmente ao desenho.

Cabe ressaltar que a opção por sobreviver do desenho nos idos dos anos 60 era uma escolha ousada, posto que o mercado de quadrinhos fosse quase inexistente, limitando-se a ações e projetos isolados.

## Uma obra comprometida

A produção de Henfil, em sua quase totalidade, foi pautada em termos críticos. Adotou a caneta como arma para denunciar e questionar tradições e comportamentos sociais. Tocava em pontos-chave, desenvolvendo um inconformismo contagiante. Valores que até então eram vistos como naturais, eram espezinhadados na mão do cartunista. Segundo o caricaturista Cássio Loredano: “Henfil tirou de debaixo do tapete o que para lá tínhamos varrido zelosamente a nossa História inteira”. (LOREDANO, Cássio. Um diabo de humorista, in: Henfil do Brasil [catálogo da exposição], p. 27.)

A injustiça social acabou por amadurecer a sua formação humanista – baseada em princípio na educação católica – convertendo-a na opção pelo socialismo. Carregada de humor, a culpa pela ‘transubstanciação ideológica’ sempre foi atribuída à mãe, que segundo Henfil educou-lhe com valores solidários – como o de dividir jabuticabas com os irmãos – que acabaram por infiltrar o germe do comunismo na sua infância.

Mesmo as situações mais elementares e cotidianas, em Henfil, ganhavam expressão política. A alma crítica costuma apontar o seu fuzil carregado de tinta nanquim para os mais diversos preconceitos, que de tão arraigados passavam despercebidos em hábitos solenes.

O artista costumava dizer “o humor que vale para mim é o que dá um soco na barriga do opressor”. E Jaguar, com sua peculiar ironia, destacou que o soco de Henfil era de todos o mais pesado e certo.

Por conta de limitações físicas impostas pela hemofilia, a ação política de Henfil por muitas vezes se dava através de seus personagens. O artista dava o seu recado através da prancheta, quando na verdade a alma inquieta do mineiro encontrava-se doida para estar no meio do turbilhão, nas passeatas e atividades dos movimentos sociais. De vez em quando contrariava o bom senso e comparecia às passeatas, como a dos “cem mil”, mas era prontamente retirado pelos mais sensatos.

Nesse aspecto podemos dizer que os seus personagens não só deram conta do recado – de satisfazer o ímpeto do cartunista em ir para as ruas – como foram além. Possibilitaram que um grande número de pessoas reconhecesse na contribuição de Henfil uma possibilidade de continuar sonhando e lutando contra desmandos e tiranias impostas pelo período de exceção que foi o regime militar.

A lista de personagens criados por Henfil é um caso à parte. Existem os mais notórios, como os fradinhos, a Graúna, o Zeferino e o bode Orelana, assim como Ubaldo e o Cabocomamadô, que ganharão aqui um maior destaque. Mas a lista de criações não pára por aqui, pois nela constam a feminista Zilda-Lib; o operário Orelhão; Xabu – o provocador; Ovídio, o perfil do careta em pessoa; Tamanduá, o chupa-cérebros; o Preto-que-ri, que reage ao racismo com sonoras gargalhadas; o delegado Flores, que reprime às avessas; o Flautista de Ramelin, persuasivo em seus argumentos e os Três Cangaceiros do Apocalipse. Sem contar os coadjuvantes dignos de Oscar, como os Caverinos, os irmãos Lati e Fundi e a onça Glorinha, todos figurantes no alto da caatinga. Para completar o “coração de mãe”, onde sempre cabe mais um, restam as variações de Ubaldo – o Paranóico, que são: Ufaldo, seu irmão empresário; Sam, seu tio e Fonaldo, censor exclusivo.

Os primeiros personagens de Henfil nasceram em julho de 1964, tendo como berço a revista *Alterosa*. Os fradinhos Cumprido e Baixinho foram inspirados em dois religiosos da ordem dominicana. Donos de personalidades completamente distintas, o frade *Cumprido* se distingue por sua ingenuidade e extrema bondade; e o frade Baixinho, por sua vez, destilava todo o seu sarcasmo e uma coleção de maldades que incluem o sadismo e comportamentos dignos de nojo. O enredo das histórias em quadrinhos dissecava os problemas sociais, religiosos e políticos da época.

Os dois personagens são comparados com a própria personalidade do criador, que, por sua vez, assumia os dois lados da moeda:

“O Baixinho sou eu. Hoje. O Cumprido também sou eu - numa versão antiga. Vamos dizer que eu andei e o Cumprido ficou para trás. É isso. O Cumprido é como eu era: um cara carola, infantil, ingênuo, aquele mineiro com aquela formação religiosa antiga, mórbida. A religião do terror, na qual tudo é pecado (o raio que está caindo é castigo de Deus). Do pecado mortal, venial e original. O Cumprido ficou nessa fase. Agora eu me identifico com o Baixinho, que é exatamente como eu sou hoje: toda uma negação desse meu passado. E de uma maneira muito agressiva, porque esse meu passado me incomoda bastante. (...) Então eu passei a anarquizar, a agredir essa gente, como o Baixinho agride.” (HENFIL. Veja. São Paulo, Abril, 1971)

Em 1969 foi convidado a integrar a equipe do jornal alternativo *Pasquim*, que se tornou a principal janela de suas críticas ao regime militar. O *Pasquim* se tornou a principal janela de suas críticas ao regime militar. Através da abordagem de temas atuais e conjunturais nos quadrinhos que fazia, o cartunista conquistou grande notabilidade, não só no mundo dos desenhos como em diversas esferas da sociedade. Responsável por introduzir um

comportamento que, anos depois, se tornaria a marca do jornal, Henfil usava e abusava de palavras estigmatizadas pela sociedade, como coco, meleca, além de criar novas, que se tornaram nacionalmente conhecidas, como “putzgrila” e o indefectível gesto obsceno, o “top-top” do fradim Baixim.

As piadas, que hoje podem soar inocentes, estremeceram as estruturas da sociedade conservadora das décadas de 60 e 70. Em um cenário político que abrigava uma ditadura militar, configurava-se como um ato de bravura desenhar um frade cuspidor, soltando gases homéricos e que ao mesmo tempo dava lições a São Pedro de como praticar o “top-top”.

O fradim (estilo amineirado de dizer fradinho) serviu para Henfil como uma carta na manga. Em momentos chave de transição o cartunista os recuperava. Foi assim na estréia no jornal Pasquim, no ano de 1969, assim como veremos oportunamente, os frades estrelaram tiras nos Estados Unidos, sendo distribuídos para vários jornais simultaneamente. A dupla ainda batizou a revista de grande sucesso, publicada pelo humorista entre os anos de 1973 e 1980.

Outra das criações de Henfil que lhe rendeu sucesso e reconhecimento foi a turma do alto da caatinga. Batizada com o nome de um dos personagens- Zeferino- a série revelou a busca do cartunista por um Brasil pouco conhecido, o nordeste, com toda a sua vivacidade escaldante e escassez de recursos de toda ordem.

A tira surgiu em 1972, através das páginas do segundo caderno do Jornal do Brasil, à época um dos mais importantes da imprensa. Diretamente da caatinga os sertanejos Zeferino, Graúna e Bode Orelana teciam ironias ferinas contra a censura, a desigualdade social, a corrupção e o machismo.

A trinca é composta pela Graúna, uma ave preta – que no desenho possui a forma gráfica de um ponto de exclamação – que cativou prontamente os leitores, se tornando a protagonista da história. O cangaceiro Capitão Zeferino, que se destaca pela rusticidade do nordestino. E por último, o bode Francisco Orelana, um animal culto que se informava comendo livros e jornais. Utilizavam boa parte de seu tempo para espinafrar o desenvolvimento do Sul Maravilha, uma metáfora da região do país que é desenvolvida, em detrimento da outra, entregue a própria sorte pelos governantes.

Por meio da turma da caatinga, Henfil esbravejou contra latifundiários, a concentração de renda, os programas e propagandas do regime militar. Satirizou ainda o machismo, a educação burguesa, com seu modelo de família nuclear, e a censura.

Comandando tanta balbúrdia estava a serelepe Graúna – caracterizada pelo minimalismo de traços – que acabou por se tornar o personagem mais famoso e carismático de Henfil.

Entre os personagens figurantes, merece destaque a atuação da Onça Glorinha, anarquista, líder do “Comando de Libertação do Quadrinho Nacional”, cuja missão era caçar o “agente imperialista” Mickey. Certa vez ela comeu a Graúna, achando se tratar do camundongo de Walt Disney. Henfil admite que fez uma provocação ao tipo de intervenção que grupos da luta armada faziam.

Ressaltamos a importância conferida por Henfil ao elemento feminino das personagens, como a onça Glorinha e a Graúna, que se comportam como as mais valentes e combativas. Era essa a percepção que Henfil detinha do poder feminino. Trabalhando com a inversão de expectativas fazia ainda o riso rolar solto.

O trio da caatinga deu vida a um ambiente em que tudo parece uma metáfora do país que o humorista quis retratar. O cartunista Spacca a designou como um Brasil em miniatura. O cenário por onde circulam os personagens é desolador. Os cactos, que acentuam a aridez local, funcionam como alegoria da escassez e do desconforto. As caveiras de gado – os macabros “Caverinos” – simbolizam a proximidade da morte. E o sol causticante, que não dá trégua ao grupo, representaria a situação sufocante imposta ao país pela ditadura militar instaurada em 1964.

Além do aspecto inovador no campo da técnica – com “fotografia” revolucionária e espaços vazios – os personagens da série Zeferino serviam como esperança matinal e válvula de escape aos seus leitores. Publicada inicialmente no Caderno B do *Jornal do Brasil*, não demorou muito a se tornar a grande vedete do jornal Pasquim, assim como ganhar revista, cujas páginas dividia com os fradins.

A obra do cineasta baiano Glauber Rocha foi um dos fatores que influenciou a criação de Henfil. Desde a realização de cenários que assimilavam a técnica do Cinema Novo e suas tomadas; assim como a influência na escolha de temas ao criar seus personagens. Em paralelo ao cinema novo, outra grande influência de Henfil ao rabiscar a caatinga foi o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. A inspiração veio a partir do momento em que ganhou o livro de Betinho. O cartunista soube traduzir para os quadrinhos duas contribuições essenciais para compreender o Brasil.

O escritor Charles Baudelaire classificou os desenhos de humor em dois tipos: os que desaparecem com o decorrer do tempo; e os duráveis; eternos. Modesto, em entrevista à revista *Veja*, Henfil declarou que o seu sucesso se creditava apenas por ser um principiante: “Eu sou uma novidade. E novidade normalmente faz barulho.”<sup>2</sup> Estava equivocado, pois o seu legado, mesmo 20 anos depois da sua morte, continua fazendo um enorme estrondo, mostrando-se de uma atualidade inegável, destinado à eternidade.

### **Bibliografia:**

#### *Obras de Henfil*

Hiroshima, Meu Humor – 1966  
 Almanaque dos Fradinhos – 1971  
 Henfil na China – 1980  
 Henfil na China (Antes da Coca-Cola) – 1981  
 Cartas da Mãe - 1983  
 Diário de um Cucaracha – 1983  
 Como Se Faz Humor Político – 1984.  
 Diretas Já! – 1984  
 Fradim – revista.  
 Fradim de Libertação – 1984  
 O Sapo que Queria Beber Leite! – 1986  
 A Volta da Graúna\* - 1993  
 A Volta do Fradim\* - 1993  
 A Volta de Ubaldo, o Paranóico\* - 1994  
 Graúna Ataca Outra Vez\* - 1994  
 Henfil nas Eleições\* - 1994  
 Henfil no Amazonas\* - 1996  
 Urubu e Flamengo \*- 1996/2007  
 Henfil do Brasil\* (catálogo de exposição). 2006

---

<sup>2</sup>Entrevista concedida à Revista *Veja*, em 1971.

\*publicação póstuma

*Obras de referência*

1964-2004: 40 anos do Golpe: Ditadura Militar e Resistência no Brasil. Niterói, Rio de Janeiro, 7 letras/FAPERJ, 2004.

AUGUSTO, Sérgio e JAGUAR. O melhor do Pasquim.Vol. I. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

CIRNE, Moacy. História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros. Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

LAGO, Pedro Corrêa do. Caricaturistas Brasileiros. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

MORAES, Dênis de. O Rebelde do Traço: a vida de Henfil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1996.

REGO, Norma Pereira. Pasquim: Gargalhantes Pelejas. Rio de Janeiro, Relume-dumará: Prefeitura, 1996.

SEIXAS, Roseny. Morte e Vida Zeferino: Henfil e humor na revista Fradim. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1996.

**Revistas/Jornais/Entrevistas**

Bom Dia Rio Preto, Rio Preto, 4 jan. 2008.

Caros Amigos, São Paulo, Casa Amarela. Henfil: mais atual do que nunca. n.: 59. 2002.

Grilo. A última entrevista antes de Henfil ir embora. n.: 48. São Paulo, Espaço Tempo, 1973.

O Bicho, Rio de Janeiro, o Bicho. Henfil: Fradim X USA. n.: 2. 1975.

O Estado de São Paulo, São Paulo. Antologia, mostra, livros e DVD no Ano Henfil. Cultura. 28 jan. 2008.

Psicologia atual, São Paulo, Spagat. A arte de ser pobre: depoimento de Henfil. n.: 21. 1982.

Status Humor, São Paulo. Desenhar, pra mim, é como mastigar pedra. 1973.

Veja, São Paulo. Abril, 1971.

WO1, Rio de Janeiro, 1973.

**Filmes e vídeos consultados:**

Arquivo N – Henfil. Rede Globo. 04 jan. 2008.

HENFIL. Bom dia Rio. Rede Globo. 17 abr. 1984.

HENFIL. Tanga - Deu no New York Times? 1988.

OLIVEIRA, Marisa Furtado de. Henfil – Profissão Cartunista. 2002.

REINIGER, Ângela Patrícia. Três irmãos de sangue. 2006.